

A AVALIAÇÃO COMO UM INSTRUMENTO DIAGNÓSTICO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO MATEMÁTICO NAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.

Jonatha Silva Rocha¹
Lúcia Violeta Prata de Oliveira Barros²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em três colégios públicos do município de Lagarto/SE, com o objetivo de identificar quais eram as ferramentas avaliativas que os docentes da disciplina de Matemática utilizavam e como eram aplicadas, pois para que a avaliação da aprendizagem seja satisfatória o docente deve manter um bom relacionamento com os educandos para assim, ter possibilidades de diagnosticar as dificuldades que cada um possui e propor um novo método para explanação dos conteúdos, simplificando a absorção e compreensão dos assuntos abordados, no entanto é válido ressaltar que o processo de avaliação deve ser contínuo e não somente ao fim cada unidade. Com base no exposto, foi realizada a observação das aulas de três professores no período aproximadamente um mês e aqui exponho a análise dos dados coletados.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa, Avaliação educacional, Metodologia.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar os dados coletados a partir da observação das aulas de três docentes da disciplina de Matemática em séries distintas nos níveis fundamental e médio em três colégios públicos do município de Lagarto, Sergipe. Expondo aqui os resultados com o intuito de contribuir para um melhor entendimento sobre o processo de avaliação utilizado na maioria das escolas, com o propósito de verificar sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem. A justificativa do estudo se dá pela necessidade de melhorar o entendimento da prática educativa e de como ela contribui para o processo de ensino e aprendizagem. Para uma análise mais precisa destes dados foi feita uma reflexão sobre o dilema da avaliação, aplicada como um exame classificatório com o propósito de testar e medir e também um estudo sobre a avaliação como um instrumento de construção do conhecimento na relação ensino e aprendizagem que segundo Datrino, Datrino e Meireles (2010):

Avaliar é olhar cada um dos alunos, investigando e refletindo sobre a sua forma de aprender, conversando, convivendo, organizando o cenário desta

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Matemática pela Faculdade Dom Pedro II de Sergipe; Graduando do curso de Bacharelado em Matemática pela Universidade Federal de Sergipe; Pós-graduando em Educação Matemática e Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa. E-Mail: jrprofmatematica@hotmail.com

² Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Dom Pedro II de Sergipe; Mestra em educação; Coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Dom Pedro II de Sergipe. E-Mail: violetaprata2011@hotmail.com (Orientadora do trabalho).

interação, sempre com o cuidado de proporcionar ao aluno uma assimilação melhor e diária como parte construtiva do processo de ensino-aprendizagem. (DATRINO; DATRINO; MEIRELES, 2010, p.27)

Para Luckesi (2006) “o ato de avaliar a aprendizagem na escola é um meio de tornar os atos de ensinar e aprender produtivos e satisfatórios”. Assim, não podemos desvincular a avaliação do aluno do processo de ensino do professor. Isso não quer dizer que se o aluno não aprendeu, o professor não ensinou adequadamente. O processo de ensino e aprendizagem é muito mais complexo que isso. Para o mesmo autor “a avaliação como instrumento a serviço da aprendizagem do aluno deve contribuir para a análise e para a decisão de quais ações pedagógicas deverão ser tomadas durante o processo de ensino”.

Apesar de ainda presente em muitas escolas, a avaliação no fim do processo e apenas como constatação não contribui para o avanço da aprendizagem do aluno. Tal constatação é o princípio, é o ponto em que atribuímos uma qualidade *positiva ou negativa* ao que está sendo avaliado. A partir daí entra a análise e a tomada de decisão sobre *o que fazer*, por isso a avaliação deve ser contínua e não apenas no fim do processo.

Luckesi (2006) nos diz que:

[...] para qualificar a aprendizagem de nossos educandos, importa, de um lado, ter clara a teoria que utilizamos como suporte de nossa prática pedagógica, e, de outro, o planejamento de ensino, que estabelecemos como guia para nossa prática de ensinar no decorrer das unidades de ensino do ano letivo. (LUCKESI, 2006, p.)

Nesta perspectiva de Luckesi, o docente deve refletir quais métodos ele está utilizando e se esses são os mais eficazes para a turma que está educando e assim os discentes poderão absorver e compreender o conteúdo que está sendo trabalhado de maneira mais simples, desta forma o docente provavelmente irá obter resultados satisfatórios com a aprendizagem dos educandos.

METODOLOGIA

Para realizar esta pesquisa foram utilizados métodos exploratórios pois tem como característica buscar por meio dos seus métodos e critérios, uma proximidade da realidade do objeto estudado, e também uma reflexão bibliográfica. Nesta análise foi utilizada a abordagem qualitativa pois tem caráter de interrupções subjetivas. Para obtenção dos dados, durante as observações, foi investigado se os docentes mantinham um bom relacionamento com os discentes e quais eram os métodos avaliativos que utilizavam. Pois possuindo como objeto de pesquisa professores da disciplina de Matemática e conhecendo a realidade de

muitos alunos já tendo ouvido-os em outros momentos de vivência em sala de aula, esses citam comentários não satisfatórios com relação aos conteúdos matemáticos, sendo assim é essencial que o docente desta disciplina possua um bom relacionamento com os educandos e busque ferramentas estratégicas para proporcionar uma mudança na falsa imagem que construíram da disciplina, é claro que a forma como são cobradas as atividades avaliativas refletem muito na construção desta nova imagem e claro no processo de ensino e aprendizagem.

Acompanhando as aulas destes três professores regularmente no período aproximadamente de um mês, foi relatado quais metodologias adotavam para explanação dos conteúdos e como avaliavam os discentes, se era em um único momento específico, *prova final* ou tinham o hábito de diagnosticar os mesmo em diversos momentos com ferramentas distintas a fim de obterem um resultado de uma aprendizagem significativa.

As técnicas utilizadas para obtenção dos dados apresentados nesta pesquisa foram as observações, a partir destas foram respondidas algumas questões elaboradas com o propósito de diagnosticar os métodos avaliativos utilizados pelos docentes.

Os principais autores que contribuíram para esse trabalho foram Luckesi (2006), Hoffmann (2002) e outros. A partir da leitura destes foi possível entender melhor o que é a avaliação educacional, ampliando o meu conhecimento científico e assim poder analisar os dados coletados da maneira mais precisa e consciente.

AValiação como Exame Classificatório

É comum na maioria dos colégios e bastante evidente nos quais busquei para realização desta pesquisa os docentes aplicarem exames mascarados de avaliações. O significado de exames é diferente de avaliações e os resultados que eles proporcionam surtem um efeito distinto no processo de ensino e aprendizagem. Afirma Luckesi (2006) que:

A prática escolar usualmente denominada de avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com a avaliação. Ela constitui-se muito mais de provas/exames do que avaliação. Provas/exames têm por finalidade, no caso da aprendizagem escolar, verificar o nível do desempenho do educando em determinado conteúdo [...] e classificá-lo em termos de aprovação/reprovação. (LUCKESI, 2006, p. 168-169)

Os exames são pontuais, o que significa que não interessa o que estava acontecendo com o educando antes da prova, nem o que poderá acontecer depois, só interessa aquele momento, o agora. Os exames são classificatórios, ou seja, eles classificam os

educandos em aprovados ou reprovados, estabelecendo uma escala satisfatória com notas que vão de zero a dez, assim cita Datrino, Datrino e Meireles (2010).

É possível citar como exemplos de exames, embora para diferentes níveis: Provão do MEC, ENADE, ENEM, Prova Brasil, IDEB, entre outros, esses têm-se somente a finalidade de verificar o nível do desempenho do sujeito, já as avaliações devem ser utilizadas para diagnosticar as carências e erros dos discentes, a fim de que o docente tome uma decisão e possa ajudá-los a superar suas dificuldades, sempre no sentido de promover a sua aprendizagem, e não utilizar a avaliação somente para classificar, excluir ou incluir, “para um verdadeiro processo de avaliação, não interessa a aprovação ou reprovação de um educando, mas sim a aprendizagem e, conseqüentemente, seu crescimento”, assim afirma Datrino, Datrino e Meireles (2010).

Enfatiza Luckesi (2006) que:

A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então, [...] ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como um ato diagnóstico tem por objetivo a inclusão e não a exclusão. [...] A prática de provas e exames exclui parte dos alunos, por basear-se no julgamento, a avaliação pode incluí-los devido ao fato de proceder por diagnóstico e, por isso, pode oferecer-lhes condições de encontrar o caminho para obter melhores resultados na aprendizagem. (LUCKESI, 2006, p. 172-173)

A avaliação, diferente dos exames, exige uma postura democrática do sistema de ensino e do professor, pois para proceder a melhoria do ensino e da aprendizagem, não basta avaliar somente o desempenho do aluno na atividade avaliativa, mas toda a atuação dele durante a unidade.

Na avaliação não se classifica o educando, ele é apenas diagnosticado em seu desempenho, o que conseqüentemente implica em decisões a favor da melhoria de sua aprendizagem e, por isso mesmo, do seu desenvolvimento. “Avaliar significa identificar impasses a buscar soluções” (DATRINO; DATRINO; MEIRELES, 2010, p.31. apud HOFFMANN, 1997).

No cenário de muitas escolas durante o ano letivo as notas obtidas pelos alunos vão qualificando o tipo de aluno que ele é. O que predomina é a nota, não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. Essas são operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem.

Cita Datrino, Datrino e Meireles (2010):

[...] as provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em consideração o que foi ensinado. Mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, a avaliação tem sido uma oportunidade de prova de resistência

do aluno aos ataques do professor. As notas são operadas como se nada tivessem a ver com a aprendizagem. As médias são médias entre números e não expressões de aprendizagem bem ou malsucedidas (DATRINO; DATRINO; MEIRELES, 2010, p.34. apud LUCKESI, 1998, p.23).

Após a avaliação do processo, o professor deveria retomar o assunto para uma revisão, fixando os conteúdos estudados, sanando as dificuldades e servindo também como diagnóstico ou sugestão de melhoria para o educador, como um meio de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento e da competência dos alunos, diante das exigências, assim cita Datrino, Datrino e Meireles (2010), porém muitas das vezes os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador da aprendizagem. Cita Luckesi (2006):

Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anuncia aos alunos: “Estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova”. Quando observa que os alunos estão indisciplinados, é comum o uso da expressão: “Fiquem quietos! Prestem a atenção! O dia da prova vem aí e vocês verão o que vai acontecer”. Ou então, ocorre um terrorismo homeopático. A cada dia o professor vai anunciando uma pequena ameaça. Por exemplo, em um dia diz: “A prova deste mês está uma maravilha! ” Passados alguns dias, expressa: “Estou construindo questões bem difíceis para a prova de vocês”. Após algum tempo, lá vai ele: “As questões da prova são todas do livro que estamos utilizando, mas são difíceis. Se preparem! ”. E assim por diante. (LUCKESI, 2006, p.19)

Essas e outras expressões semelhantes, são comuns no cotidiano da sala de aula, especialmente na escolaridade básica e média, muitas das vezes já habituados os docentes soltam essas expressões que nem percebem mais, porém elas demonstram o quanto o professor utiliza-se das provas como um fator negativo de motivação. A avaliação como objeto de poder pode gerar conflitos, ansiedade e conseqüentemente, transtornos na relação professor e aluno. Sendo assim o estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim porque estão ameaçados por uma prova. O medo os leva a estudar.

Tratando disso especificamente na disciplina de Matemática o caso é ainda mais alarmante, pois grande maioria dos alunos segundo pesquisas e algumas das experiências já vivenciadas em sala de aula, relatam o grande número de alunos desmotivados nas aulas de Matemática, fazendo comentários que não gostam da disciplina, que os conteúdos são difíceis demais e que na maioria das vezes não irão utiliza-los para nada, cabe então ao docente procurar ferramentas para que possam auxiliar na compreensão destes conteúdos e dar um sentido para que devem aprende-los e assim tentar desconstruir a falsa ideia que possuem da disciplina de Matemática, porém, infelizmente durante a observação das aulas foi presenciado alguns comentários semelhantes a esses citados pelo autor.

Fala do professor *João*³:

Antes do simulado haverá uma prova surpresa se continuarem com esse comportamento. (Fala dita com intuito de punição ao comportamento dos alunos) [...] Vocês que chegaram atrasados hoje foi a última vez que poderão entrar. (Fala dita com tom de voz grosseiro para alguns alunos que entraram na sala de aula atrasados) [...] Os alunos que faltam as aulas, mas vêm para o colégio, fiquem atentos, as câmeras do colégio estão filmando vocês, elas protegem vocês, mas também prejudicam. [...] Não vou mais reclamar com vocês mais não, “praque” perder tempo. (Fala dita a classe, mostrando um enorme desinteresse com a turma) [...] Quem é essa? É turista? (Fala com um tom de voz irônico para uma aluna que costuma faltar) [...] Se vocês não mudarem o comportamento de vocês vou colocar todos para fora. [...] Se continuarem conversando de agora em diante só vou colocar o conteúdo no quadro e sento, não vou explicar mais nada. [...] Eu acho que já sei o resultado da prova, “né”? E olha que estou pegando leve com vocês, imagina se eu fizesse como outros professores. (Fala dita com um tom de voz de ameaça) (*João*, 2019).

Fala do professor *José*⁴:

Dê risada mesmo minha linda, quem rir os males espanta, quando chegar a prova ela lhe espanta. (Fala dita para uma aluna que ria no momento da aula) [...] Já que vocês não estudam em casa, vão estudar forçados aqui na sala, vai ser assim agora. (Fala dita com tom de voz bastante grosseiro) (*José*, 2019).

As notas se tornaram a divindade adorada tanto pelo professor como pelos alunos. O professor adora-as quando são baixas, por mostrar a seu potencial, como se dissessem “Não aprovo de graça, sou durão”, o aluno, por outro lado, está em busca do troféu, as notas altas. Ele precisa dela, não importa se ela expressa ou não uma aprendizagem satisfatória, ele quer a nota, muitas vezes acabam fazendo contas e médias para verificar a sua situação. “É a nota que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar”, assim cita Luckesi (2006).

Esse castigo psicológico é o instrumento gerador do medo seja ele explícito ou velado. Hoje não identificamos mais o castigo físico explícito, porém, estão usando um castigo muito mais sutil, o psicológico. Segundo Luckesi (2006):

A ameaça é um castigo antecipado, provavelmente muito mais pesado e significativo que o castigo físico, do ponto de vista do controle. A ameaça é um castigo psicológico que possui duração prolongada, na medida em que o sujeito poderá passar tempos ou até a vida toda sem vir a ser castigado, mas tem sobre a sua cabeça a permanente ameaça. (LUCKESI, 2006, p.25).

Dentro da pesquisa realizada somente um dos professores não tinha o hábito de ameaçar os alunos com esse tipo de fala, por outro lado dois destes frequentemente soltavam essas ameaças que muitas das vezes nem percebiam, já habituados, não se davam conta do mal que faziam ao psicológico dos discentes e ao mesmo tempo só os distanciavam deles. Essa distância e a falta de empatia pelo docente pode gerar resultados negativos na

³ Nome fictício dado a um dos professores observados.

⁴ Nome fictício dado a um dos professores observados.

aprendizagem dos educandos e como já citado a cima, não é interessante esse distanciamento na disciplina de Matemática que já é vista como o *bicho de sete cabeças*⁵ por muitos alunos.

AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A prática da avaliação escolar não pode ser feita simplesmente de forma medida, calculada, impressa por um valor numérico. Ela precisa estar buscando por um projeto maior de sociedade que atenda os interesses de valores construídos pelo homem e de toda população. Esses construir é um significado de coletividade, de bem-estar social, deve ter, por parte do educador, propostas de ação interdisciplinar, que vise a situações práticas associadas as questões políticas e sociais, reverenciando uma pedagogia envolvente, assim cita Datrino, Datrino e Meireles (2010).

A autora Hoffmann (2002), se referindo a avaliação como processo de ensino e aprendizagem esclarece que:

O processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, porque não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estarão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a prosseguir sempre (HOFFMANN, 2002, p.68).

Sendo assim é necessário diferenciar o ensino possibilitando que cada aprendiz vivencie frequentemente sempre que possível situações que proporcionem um avanço na sua aprendizagem, assim cita Perrenoud (1999). A partir daí, está em direção aos caminhos que deverão ser percorridos pelas avaliações, ferramentas que compõem o processo ensino e aprendizagem, com a finalidade de uma aprendizagem maior, que aponte caminhos na solução de problemas e reinvente maneiras de democratizar o conhecimento. Desta forma, o docente pode estar colaborando para o desenvolvimento das habilidades dos educandos, priorizando suas atividades, entendendo-os como sujeitos do seu próprio desenvolvimento.

Em sala durante as observações das aulas dos docentes, foi possível responder um questionário com base no que era vivenciado, esse questionário foi fundamentado a partir da leitura de algumas obras a exemplo de Luckesi (2006), Hoffmann (2002) e outras. As perguntas formuladas foram as mesmas para todos os professores, sendo as seguintes com respostas demonstradas nos apêndices.

⁵ *Bicho de sete cabeças* é uma expressão popular que significa que se está diante de alguma dificuldade que pode não ter uma resolução simples. É algo que é quase impossível de se solucionar.

Infelizmente nem todas as perguntas obtiveram respostas satisfatórias para construção de uma aprendizagem significativa, durante o período de observações foi possível identificar que os pontos atribuídos as atividades avaliativas que vão de zero a dez eram partilhados em atividades designadas pela coordenação e essas atividades possuíam características distintas das quais Luckesi (2006) sugere. Os coordenadores distribuía essa pontuação da seguinte maneira: seis pontos para uma avaliação com questões objetivas no fim da unidade contendo todos os conteúdos trabalhado pelo docente; dois pontos para as atividades realizadas extraclasse e dois pontos para presença e participação dos alunos em sala; no entanto essa avaliação na prática era um exame para somente medir o conhecimento dos discentes e ao fim, depois de corrigidas pelo docente eram devolvidas aos alunos sem o cuidado de realizar uma revisão das questões em que não tinham obtido êxitos. Para um cenário ainda mais crítico foi identificado que dois destes colégios realizavam a devolução destas atividades entre coordenadores e pais/responsáveis pelos alunos, interferindo em um momento tão importante, a reflexão dos resultados da aprendizagem entre docente e discente.

Contudo, é válido ressaltar o excelente desempenho de um dos professores quanto a explanação dos conteúdos, está, através das correções das atividades solicitadas em sala e extraclasse fazia um diagnóstico mesmo que de maneira bastante superficial identificando quais eram os alunos que ainda possuíam alguma dificuldade na compreensão do conteúdo trabalhado, e assim, tentava solucionar através de resolução de outras atividades resolvidas em conjunto; está mesma docente tinha o hábito de trabalhar atividades em grupo com o intuito de uma aprendizagem coletiva possibilitando que os próprios alunos pudessem se ajudar suscitando as dúvidas que tinham. Outro ponto bastante relevante eram as atividades lúdicas a exemplo de gincanas que a docente trabalhava em sala. As atividades lúdicas podem despertar nos educandos um prazer em aprender tornando-os ativos e participativos durante as aulas, sem contar que muitas dessas atividades são capazes de mostrar aos discentes a aplicação do conteúdo trabalhado em sua prática cotidiana, algo positivo para a disciplina de Matemática, pois como já citado a cima essa disciplina precisa ser vista por um outro ângulo pelos educandos.

Já a realidade das aulas dos outros dois docentes era diferente dessa citada, um deles mesmo soltando alguns comentários grosseiros para com os alunos, ainda mantinha um bom relacionamento com a turma, e tinham o hábito de trabalhar questões contextualizadas em sala, já o terceiro não foi possível enxergar essa boa relação que é tão importante para o desenvolvimento de uma aprendizagem satisfatória, o olhar dos discentes e comentários ditos em baixo tom comprovavam essa falta de empatia.

CONCLUSÃO

Mediante ao exposto, é importante que se atribua um significado aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, para que o educando tenha maiores possibilidades de aprendizagem e o educador a satisfação de realizar um trabalho com competência. O docente, ao lidar com a avaliação da aprendizagem, deve ter em mente a necessidade de colocar em sua prática diária novas propostas que visem a uma melhoria do ensino, pois a avaliação é parte de um processo de ensino e não um fim em si e deve ser utilizada como um instrumento, também, para melhoria da aprendizagem dos discentes.

A avaliação contínua e formativa fundamenta-se nos processos de aprendizagem, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, fundamenta-se em aprendizagens significativas e funcionais que se aplicam em diversos contextos e se atualizam o quanto for preciso para que continuem a aprender, assim cita Datrino, Datrino e Meireles (2010).

Se a avaliação contribui para o desenvolvimento das capacidades dos discentes, pode-se dizer que ela se converte em uma ferramenta pedagógica, em um elemento que melhora a aprendizagem do aluno e a qualidade do ensino. Diz Perrenoud (1999), “construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os caminhos pertinentes”. Do ponto de vista prático, isso significa que é necessário que os educandos descubram os seus próprios caminhos. O docente tem que conhecer o que o ensino não pode mais estar centrado na transmissão de conteúdos conceituais. Ele passa a ser um facilitador do desenvolvimento, pelos discentes, de habilidades e competências, também afirma Datrino, Datrino e Meireles (2010).

Esta pesquisa atingiu o objetivo que era identificar os métodos avaliativos que os docentes da disciplina de Matemática dos colégios públicos do município de Lagarto/SE adotavam, e se esses surtiam um efeito positivo para construção de uma aprendizagem significativa para os educandos, é válido ressaltar que a pesquisa foi realizada apenas com uma pequena amostra e em larga escala os resultados poderiam ser diferentes, torço para que fossem positivos, pois a disciplina de Matemática depende de educadores que transforme o olhar dos discentes para ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DATRINO, R. C.; DATRINO, I. F.; MEIRELES, P. H. Avaliação como processo de ensino-aprendizagem. **Revista de Educação**. São Paulo, v. 13, n. 15, p. 27-44, 2010.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para promover** - as setas do caminho. – Porto Alegre: Mediação, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar** - estudos e proposições. – 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens** - entre duas lógicas. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

APÊNDICES

1. O professor mantinha um bom relacionamento com os alunos?

(2) SIM (0) NÃO (1) EM PARTE

2. O professor aplicava atividades contextualizadas?

(2) SIM (0) NÃO (1) EM PARTE

3. Antes da exposição dos conteúdos o professor ouvia o que os alunos já conheciam do assunto a ser abordado?

(0) SIM (2) NÃO (1) EM PARTE

4. Quando o professor era solicitado a repetir o conteúdo já exposto, ele se mostrava disposto?

(2) SIM (0) NÃO (1) EM PARTE

5. Durante a resolução de atividades em sala o docente se mostrava disposto a auxiliar os discentes?

(2) SIM (0) NÃO (1) EM PARTE

6. As atividades realizadas eram corrigidas?

(3) SIM (0) NÃO (0) EM PARTE

7. A partir da correção das atividades o docente fazia algum diagnóstico para saber se era necessário revisar o conteúdo trabalhado?

(0) SIM (1) NÃO (2) EM PARTE

8. As avaliações eram condizentes com a realidade das aulas expostas pelo docente?

(2) SIM (0) NÃO (1) EM PARTE

9. As notas obtidas pelos discentes nas atividades avaliativas eram motivos para afetar a relação entre o docente e o discente?

(0) SIM (2) NÃO (1) EM PARTE

10. Depois de entregar os resultados, as atividades avaliativas eram corrigidas e revisados os conteúdos novamente em busca de suscitar as dúvidas que ainda restaram?

(0) SIM (3) NÃO (0) EM PARTE